

O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE ARTE NA HISTÓRIA DA ARTE – UM ESTUDO DE CASO

Clarice Rego Magalhães (PPGE - UFPEL)
Carmen Regina Bauer Diniz (PPGE - UFPEL)

RESUMO

Este artigo pretende se constituir em uma reflexão a respeito do papel das instituições de ensino de arte na História da Arte. Através do estudo de um caso específico, o da Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), visa mostrar como uma escola de arte pode influir decisivamente no campo da História da Arte. A EBA, por conta da mentalidade de seu grupo fundador, contribuiu para que a História da Arte em Pelotas tivesse como característica a permanência da arte acadêmica, enquanto em outras localidades já chegava o modernismo. Através da orientação que imprimiu à produção artística, a Escola colaborou para retardar a chegada da modernidade. O papel desempenhado pela EBA ilustra o quanto uma instituição de ensino de arte pode influenciar e mesmo determinar a maneira como se configura a História da Arte.

Palavras-chave: História da Arte, Instituição de Ensino de Arte, Escola de Belas Artes

ABSTRACT

This article is a reflection upon the role of art teaching institutions in Art History. Through a case study - that of the “Escola de Belas Artes de Pelotas” (EBA) - it aims to show how an Art School can have a decisive influence over Art History. The EBA, on account of the mentality of its founders, has contributed to the permanence of academic art in Pelotas Art History, while in other places modernism was already arriving. Through the orientation that it gave to artistic production, the school contributed to delay the arrival of modernity. The role played by EBA illustrates how much an art teaching institution, in its influence area, can act upon and even determinate the way Art History defines itself.

Key Words: Art History, Art Teaching Institution, Fine Arts School

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende se constituir em uma reflexão a respeito do papel de instituições de ensino de arte dentro da História da Arte. Através do estudo de um caso específico, o da Escola de Belas Artes de Pelotas, pretendemos mostrar como uma escola de arte pode influenciar decisivamente o campo da História da Arte, através da orientação que imprime à produção artística.

Considerando a História da Arte em sentido amplo, ou seja, como um campo de conhecimento que tenta categorizar as mudanças na arte que ocorrem ao longo do tempo, e tentando compreender a forma como a arte modela é modelada pelos

aspectos sócio-culturais, procurou-se avaliar o papel desempenhado pela EBA na História da Arte em Pelotas. A Escola é abordada enquanto instituição que foi influenciada e influenciou a trajetória das expressões artísticas, dos estilos, dos conceitos e da consubstanciação das obras da arte realizadas na cidade.

Para a realização deste trabalho, foi necessário retroceder no tempo e verificar os modos de produção em arte anteriores à fundação da EBA, e suas possíveis influências na orientação do ensino da futura Escola. Também foi sendo verificada a produção dessa Instituição, durante os seus vinte e três anos de existência (1949/1973), influenciando e legitimando as artes visuais da cidade. Para tanto, foi abordada a produção artística, especificamente em Pelotas, desde suas primeiras manifestações (verificando a influência dessas práticas na orientação adotada na nova Escola), até o ano de 1973, quando esta Instituição foi absorvida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Dessa forma, é possível evidenciar, para avaliação, suas especificidades e suas singularidades.

A CIDADE DE PELOTAS E SUAS ESPECIFICIDADES

Pelotas, dentro do Rio Grande do Sul e mesmo fora dele, é conhecida como uma cidade com grande tradição cultural e que tem um gosto, um pendor especial para as coisas da cultura. Esta fama vem de seu passado, de um período em que houve, realmente, riqueza ímpar em bens materiais e em bens culturais: o ciclo do charque. Magalhães nos esclarece este ponto em seu trabalho que versa sobre o que seria, em seu entender, o período áureo de opulência e cultura desta cidade:

a historiografia sul-riograndense [...] reconhece que, sobretudo no transcorrer do século XIX e nos primeiros 20 anos do século XX, elaboraram-se em Pelotas **características sociais peculiares**, relacionadas à prosperidade e cultura, dentro do complexo gaúcho. (MAGALHÃES, 1993, p. 53) grifos nossos

Pelotas estava, nesta época, identificada de modo especial com a cultura e as artes, em conseqüência do seu singular desenvolvimento econômico e urbano. Diferentemente da maioria das cidades gaúchas, Pelotas formou cedo uma sociedade urbana, em que as artes, as letras e as ciências eram cultivadas e valorizadas.

Magalhães (1993), em seu estudo, confirma que Pelotas teve um desenvolvimento diferente das outras cidades do estado, quando diz que, para além

da “faca assassina” e do mugido dos bois, havia aqui mais civilização e mais gosto pela vida social do que nas outras regiões do estado. Os estrangeiros que aqui chegavam ficavam maravilhados com a civilização que encontravam na pequena cidade, que ficou conhecida, por volta de 1860, como a “Princesa do Sul”.

Este período de opulência, embora tenha terminado nas primeiras décadas do século XX, forja um tipo de sociedade singular, em que foram estabelecidos valores que permanecem vivos até os dias de hoje, como por exemplo o valor dado à sociabilidade e à cultura. Este passado de riqueza em bens materiais e em bens culturais é muito valorizado pela comunidade pelotense, e criou-se aqui uma tendência para a valorização do que é antigo, da tradição. Foi nessa cidade com os olhos voltados para o passado que, em 1949, foi inaugurada a Escola de Belas Artes de Pelotas.

PELOTAS, A PRODUÇÃO EM ARTE E O ENSINO DA ARTE

Como já foi mencionado, Pelotas vivia uma fase de pujança econômica, na segunda metade do século XIX, pois a indústria do charque vivia o seu apogeu. Nesta época forjou-se aqui uma sociedade que, além de possuir riqueza econômica, desenvolveu uma riqueza cultural significativa. A cultura e a educação eram bens muito valorizados. No entanto, na área das Artes Plásticas as atividades eram encaradas de maneira muito pouco profissional. Segundo Magalhães (1993, p.32), “professores de primeiras letras, ou professores de música e desenho, ofereciam seus serviços solicitando a ‘proteção’ do público – isto porque a remuneração era encarada como um favor, um ato de generosidade”.

Modificando esta situação, no final do séc XIX, dois artistas estrangeiros em Pelotas se instalaram: Frederico Trebbi, italiano, e Guilherme Litran, espanhol. Vieram para esta cidade para retratar figuras importantes da rica sociedade da época, e aqui ficaram e constituíram família. Dedicaram-se a pintar, comercializar suas obras, e também a ensinar desenho, pintura e escultura em aulas particulares. Trouxeram assim sua contribuição para a cultura local, influenciando o gosto e formando inúmeros discípulos. Leopoldo Gotuzzo, grande nome da arte pelotense, foi aluno de Trebbi, assim como D. Marina de Moraes Pires, futura fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas.

Para que se possa entender como foi difícil a sistematização do ensino da arte em Pelotas, tornou-se necessário retroceder aos principais acontecimentos de artes plásticas ocorridos até a criação da Escola de Belas Artes. Já se falou da atuação dos artistas estrangeiros. Porém, não se pode deixar de mencionar a transformação do Conservatório de Música de Pelotas (fundado em 1918) em Instituto de Belas Artes, no ano de 1927. Essa instituição, criada para atender a necessidade por aulas de desenho e pintura, teve seus estatutos baseados nos do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. A orientação didática estruturou-se no estilo neoclássico, acadêmico e eclético, tão característico na época, e por demais consagrado pela Escola Nacional de Belas Artes. Desde o início de sua fundação, o Instituto de Belas Artes de Pelotas passou por grandes dificuldades financeiras que se prorrogaram até 1937, quando foi municipalizado. Com este ato, o Instituto voltou a chamar-se Conservatório de Música e, logo após, foram encerrados os cursos de pintura e desenho.

Do período que vai da extinção dessa instituição até a criação da Escola de Belas Artes (1949), passaram-se doze anos sem haver uma escola específica para o ensino das artes plásticas. Ficou retardado o processo de elaboração de um sistema das artes, no qual uma escola teria importante papel a desempenhar, pelo desenvolvimento das técnicas e habilidades e pelo contato com os códigos da arte que se tornaria possível. Pelotas, não contando por longo tempo com ensino especializado nessa área, salvo um ou outro curso particular, viveu esse interregno com sua sociedade participando de algumas exposições que, na sua grande maioria, exibiam trabalhos de artistas de fora da cidade, fato que pode ser constatado pelas notícias de jornais da época que anunciavam, com grande destaque, essas mostras.

A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE BELAS ARTES

A inauguração oficial do curso preparatório para a Escola de Belas Artes (EBA) ocorreu em sessão solene realizada na Biblioteca Pública de Pelotas, no dia 19 de março de 1949, no salão de honra, com a presença de autoridades civis, militares, eclesiásticas, professores, estudantes e pessoas da localidade. Este fato foi o desfecho de um processo que estava se desenrolando desde 1946, época em que a Professora Marina de Moraes Pires iniciara a luta oficial para a criação de uma

escola ligada às artes. Inúmeros ofícios, cartas da professora e mensagens de políticos da região foram enviados para o ministro da Educação, na época Ernesto de Souza Campos, e para o Secretário da Educação e Cultura do Estado, Dr. Eloy da Rocha, numa árdua luta para concretizar o almejado sonho.

Em face das dificuldades que caracterizavam todo esse processo, o grupo liderado pela professora Marina Pires dispôs-se a iniciar um curso preparatório para a Escola de Belas Artes, em decisão tomada no dia 17 de janeiro de 1949. A Escola é inaugurada dia 19 de março e a primeira diretoria teve como patrono Leopoldo Gotuzzo (vitalício), diretor honorário, o prefeito de Pelotas; diretor geral, Marina de Moraes Pires; além de outros nomes e respectivos cargos. Constaram como professores, do primeiro ano do preparatório da escola, os nomes de Aldo Locatelli, Carmen Wisintainer e Marina de Moraes Pires. Outras/os professoras/es vão ser oriundos do quadro de professores estaduais e municipais, que foram sendo cedidos para trabalhar na nova escola.

A Escola surgiu como um estabelecimento de natureza privada que no início, por não possuir prédio próprio onde professores e alunos pudessem desenvolver suas atividades, instalou-se numa sala cedida pela Biblioteca Pública.

Em 1952 foi instituído pela Prefeitura de Pelotas o “Prêmio Estímulo às Artes” (Lei nº 352 de 23/10/52) que era conferido aos três melhores trabalhos de pintura, premiação que se estendeu mais tarde aos três melhores trabalhos em escultura realizados pelos alunos do novo estabelecimento de ensino.

O PRÉDIO DA ESCOLA DE BELAS ARTES

A Escola de Belas Artes de Pelotas iniciou suas atividades sem possuir um prédio próprio. O curso iniciou suas atividades em sala emprestada, no prédio da Biblioteca Pública Pelotense. Esta sala da Biblioteca, desde o primeiro momento, era insuficiente para o número de alunos. Muitos pretendentes ficavam em lista de espera por falta de acomodação. Dona Marina e a Diretoria tentavam soluções para o problema. A questão do prédio ganha os jornais.

[...]a Escola de Belas Artes de Pelotas, que ainda não possui sede própria, tem se empenhado repetidas vezes junto aos encarregados do prédio da rua XV de novembro nº 757, afim de que lhes seja cedido o mesmo para que ali organizem sua sede. (JORNAL DA TARDE, 16.01.1950)

Em 20 de março de 1950 o mesmo Jornal da Tarde, ao comentar o primeiro aniversário da EBA, chama atenção para o fato de que naquele ano a Escola teve que recusar 29 novos alunos, aceitando apenas a matrícula de 41, por falta de espaço físico.

Deixando as salas da Biblioteca, em 1951, a EBA mudou-se para prédio alugado sito à Rua General Osório, 819. Devido ao crescente desenvolvimento que vinham tendo os cursos da Escola, o referido prédio já não comportava o número de alunos matriculados, ocasionando essa situação sérias dificuldades ao ensino. De fato, as acanhadas salas onde funcionavam os cursos não dispunham, sequer, dos requisitos essenciais à aprendizagem, dificultando, deste modo, a tarefa de professores e alunos.

Notícia do dia 8 de abril de 1953 na seção “Écos e Comentários” que versa sobre aula de demonstração do Mestre e escultor Antonio Caringi, nos dá a saber que a novel, porém vitoriosa, Escola de Belas Artes de Pelotas “acaba de transferir-se para prédio mais amplo à Rua Andrade Neves, 657”. Era, ainda, um prédio alugado.

Em julho de 1955, na gestão do prefeito Dr. Mário Meneghetti, foi sancionada e promulgada a lei nº 574, que autorizava o executivo a doar à Escola de Belas Artes de Pelotas, imóvel pertencente ao município, tão logo deixasse o mesmo de ser ocupado pela Escola de Agronomia Eliseu Maciel. O governo municipal doou à EBA o edifício, entretanto, o governo federal não o entregou, fazendo com isto perdurar o problema da sede.

A questão do prédio só foi resolvida em 1963, com a doação de prédio, situado à Rua Marechal Floriano, pela senhora Dona. Carmen Trápaga Simões, para funcionamento da Escola de Belas Artes. Artigo em jornal comenta o gesto de D. Carmen:

Foi então que surgiu mais uma vestal da Arte, impedindo que morresse a chama do entusiasmo estético e dando uma mansão condigna, sua própria casa, às Belas artes de Pelotas. Esta ilustre dama pelotense, como já é do conhecimento público, foi D. Carmen Trápaga Simões. (ANEXO 4).

O prédio tão sonhado ainda passou por adaptações para que começasse, no ano letivo de 1965, a abrigar as atividades da Escola. A direção da Escola de Belas

Artes, na ocasião, requereu autorização ao Ministério da Educação para mudar a denominação do estabelecimento para Escola de Belas Artes D. Carmen Trápaga Simões, numa justa homenagem à sua ilustre doadora. Esta denominação permaneceu até a federalização do curso.

Este prédio (palacete de dois andares), que passa a fazer parte da identidade da Instituição e do imaginário pelotense, tinha sido construído em 1808 como comércio e moradia de família da oligarquia pelotense, se constituiu em mais uma ligação da EBA com o seu passado de opulência.

IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DE BELAS ARTES PARA PELOTAS

Para que se possa sentir como a Escola era vista no meio social de Pelotas, é interessante transcrever alguns trechos da reportagem que foi veiculada pelo DIÁRIO POPULAR de 27 de agosto de 1952, sob o título “Esplêndida realização no cenário artístico de Pelotas”. Dizia o articulista, ao realizar uma avaliação geral da Escola de Belas Artes, que se tratava de esplêndida realização no cenário da arte em Pelotas e que viera de modo expressivo incorporar-se ao patrimônio educacional da cidade. O que se construía no terreno das artes plásticas era considerado algo impressionante e que devia ser motivo de orgulho. Acrescentava que, que se não corresse o risco de ser acoimado de exagerado, diria que se operava um verdadeiro milagre entre aquelas paredes que abrigavam quase cem alunos em formação e que dariam a Pelotas mais um título de honra juntando-se aos muitos que já a aureolavam.

A criação da Escola, que se tornou realidade graças à iniciativa privada de um grupo de batalhadores, encontrou desde o começo irrestrita simpatia da sociedade e do poder público da localidade. A 10 de fevereiro de 1950, adquiria personalidade jurídica. Nessa ocasião, teve seus estatutos registrados na forma da lei e, posteriormente, foi reconhecida como de utilidade pública por decreto do Governo Municipal.

Com a fundação da Escola de Belas Artes de Pelotas, deu-se uma ação coletiva, que apesar de, aparentemente, não conter um grande grupo, abrangia pessoas que eram tradicionais e representativos de uma classe social predominante na cidade. A possibilidade de êxito da nova escola centrava-se nesse fato: de ela ser

resultado da ação coletiva de um grupo representativo. Pois, como diz Pierre BOURDIEU,

a cumplicidade e a familiaridade (*congeniality*) fundadas na comunidade de cultura deitam suas raízes ao nível do inconsciente e conferem às elites tradicionais uma coesão e uma continuidade sociais de que são carentes as elites unidas apenas pelos vínculos do interesse profissional [...] (BOURDIEU, 1989, p.217).

A criação da Escola foi um acontecimento que representou o clímax da batalha empreendida por um pequeno grupo de pessoas que, talvez sem perceber a importância do seu feito, estava pondo em gestação o embrião de um sistema das artes na cidade de Pelotas. Não se pode negar a relevância do fato, em razão de que a partir de então se começou a lidar com códigos específicos da área das artes plásticas. Não se pode ter a ilusão e nem a visão errada de que tudo começou e se desenrolou com perfeição e sem dificuldades num abrir e fechar de olhos. A história da instalação da escola e as dificuldades enfrentadas por vários anos, concernentes ao prédio, aos professores que no início nem pagamento recebiam, as dificuldades financeiras que a acompanharam por longos anos, não impediram que a sua permanência se efetivasse no meio social de Pelotas, beneficiando uma vasta gama de pessoas. Assim, com seu trabalho constante, contribuiu para formar futuros artistas, professores para diversas escolas públicas e privadas (1º e 2º graus), como também público para as artes plásticas. Dessa maneira, a arte se tornava mais socializada, na medida em que se abriam possibilidades de educação artística para um número maior de pessoas que passavam a compartilhar de códigos artísticos semelhantes.

É inegável a importância de que foi revestida a criação da EBA para a formação de um sistema das artes em Pelotas. Nos primeiros tempos após a sua criação, o que aconteceu foi uma constante luta para fazer com que a iniciativa não se perdesse pelos problemas que precisavam ser vencidos (prédio, pessoal docente, funcionários, remuneração) e que a Escola se instalasse com boas condições para prática do ensino das artes. Mesmo não atuando de imediato dentro das condições ideais, fez-se presente, desde o início, de maneira constante, no meio social de Pelotas. A partir do primeiro ano de atuação, as exposições dos trabalhos dos alunos aconteceram sistematicamente. A primeira mostra foi orientada por Aldo Locatelli que também expôs junto com seus alunos. O ato inaugural do evento,

ocorrido no hall do Grande Hotel, em 18 de março de 1949, foi presidido pelo prefeito de Pelotas, Dr. Joaquim Duval. Essas atividades eram divulgadas através de convites e notícias publicadas no DIÁRIO POPULAR, sendo bastante prestigiadas pela comunidade como também pelas autoridades.

A Escola de Belas Artes desde o início foi destacada, não com grandes vantagens financeiras, mas com o apoio de pessoas da elite política, social e cultural da cidade. Dessa mesma elite eram os componentes da diretoria da Escola de Belas Artes. Tal era a sua importância dentro da comunidade, que algumas reuniões da diretoria bem como refeições de grau de alunos foram presididas pelo prefeito de Pelotas, conforme registro em atas.

O sucesso do empreendimento da criação de uma escola de artes plásticas em Pelotas foi consequência de sua inserção e fundamentação numa história da arte já consagrada na cidade que, embora não fosse quantitativa nem qualitativamente expressiva, possuía determinadas características nas quais foi necessário integrar-se para encontrar legitimação. Ao se analisar a fundação da EBA, não se pode fazê-lo como um feito isolado, realizado por poucas pessoas, mas como uma forma de cooperação de um grupo maior que compartilhava hábitos semelhantes em relação à arte. Grupo que compartilhava do mesmo conceito de arte e de gosto idêntico em relação ao estilo que deveria ser adotado na nova instituição de ensino.

A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS E O ACADEMICISMO

O programa de ensino da nova escola inspirou-se nas diretrizes seguidas pela Escola Nacional de Belas Artes, compreendendo os cursos de Desenho e Pintura, Escultura, Gravura e Arte Decorativa.

Trabalhando com o conceito de academicismo, estilo de presença singular no contexto gaúcho, inserido no meio artístico brasileiro através da Academia Imperial de Belas Artes, foi possível identificá-lo e acompanhar sua trajetória durante longas décadas em Pelotas. Pode-se considerar o conceito mais apropriado de academicismo, como sendo a expressão artística que se fundamenta na imitação das formas da natureza, seguindo as diretrizes do estilo neoclássico, valendo-se do uso de convenções na composição, temática e formas de expressão. O

academicismo passou a ser visto como sinônimo de neoclassicismo, uma vez que sua teoria e prática embasaram o ensino das academias de arte européias, a partir de finais do século XVIII. Para chegar à aplicação mais adequada desse conceito, na arte de Pelotas, tornou-se necessário sintetizá-lo nos seus aspectos essenciais e caracterizadores (arte voltada para a representação naturalista, estruturada nos esquemas de composição clássica, visando atingir a representação bem feita e a verdadeira arte (conceito clássico de arte). A pesquisa trabalha com o conceito de academicismo sem deixar de atentar, evidentemente, para as mudanças que se processaram no campo social, político e econômico. Essas mudanças, contudo, não chegaram ao ponto de descaracterizar a conceituação da arte analisada como “acadêmica”, retratada no seu naturalismo, formas clássicas de composição e a própria concepção clássica da arte.

Os primeiros professores do Curso preparatório, que deu início à Escola de Belas Artes foram Carmen Visintainer, Marina de Moraes Pires e Aldo Locatelli. Marina, que concebeu, lutou e conseguiu fundar a Escola, foi aluna de Trebbi e colega de Leopoldo Gotuzzo, no curso particular instalado pelo pintor em Pelotas, desde finais do século XIX.

A presença do pintor Aldo Locatelli entre os primeiros professores foi decorrente da importância dele como pintor. Os seus grandes potenciais técnicos e artísticos, ligados à sua habilidade como pintor de murais, que podiam ser comprovados nas obras que executava na Catedral, credenciavam-no para ser professor da Escola. Não é difícil de imaginar o que significou o convite de Marina Pires a Locatelli, para que ele integrasse o corpo docente da escola que seria inaugurada. Um convite carregado de grandes esperanças, pois, para a sociedade pelotense, dispor de um conceituado artista italiano como professor de desenho e pintura, poderia significar não só a concretização da EBA como também a sua qualificação. O seu prestígio, a sua capacidade artística dentro de um estilo consagrado na comunidade, poderiam ser fatores de união, de conagraçamento de um grupo maior, que proporcionaria o sucesso do empreendimento. É bem possível que a chegada de Locatelli tenha servido para dar o impulso final na concretização de um acalentado sonho de vários anos. Sua presença reforçou, entre os seus alunos na Escola de Belas Artes, o marcante gosto pelo estilo clássico de pintura, ao mesmo tempo em que proporcionou ao grande público, que teve o privilégio de

acompanhar as pinturas da Catedral executadas pelo mestre italiano, a admiração por essa forma de representação. Esse estilo, que caracterizou o artista na sua primeira fase, correspondia ao que era considerada a verdadeira arte para quem lidava, na cidade, com as artes plásticas, como também para os leigos; uma pintura representativa, uma arte que mimetizava a realidade. A presença do pintor, com o seu trabalho na Catedral e como professor da recém inaugurada escola, destacava-se em meio à pobreza das artes plásticas locais.

A nova escola, ao mesmo tempo em que possibilitou a gênese de um sistema das artes permitindo o acesso aos códigos das artes plásticas a um grupo que desde o início se manifestou expressivo, enfeixou-se numa orientação artística que correspondia ao gosto pela arte acadêmica. Com ela, deu-se a difusão das artes visuais em Pelotas, mas, também, de um estilo marcadamente classicista, que se enraizou na orientação do ensino e nas manifestações artísticas.

O sistema escolar é o único capaz de consagrar e constituir o pensamento de uma época como hábitos de pensamento comuns a toda uma geração. É muito importante considerar o papel desempenhado pelo ensino, tendo em vista que o homem participa de sua época e de seu meio, primeiro através do inconsciente intelectual que é captado por meio de suas aprendizagens, mas, em especial, por sua formação escolar. A escola, enquanto força formadora de hábitos, propicia aos que se encontram sob sua influência uma disposição geral que gera esquemas particulares, que são aplicáveis em diferentes campos de pensamento e ação, e que podem ser chamados de “habitus cultivado”, segundo expressão de Pierre Bourdieu. A escola, pela própria lógica do seu funcionamento, modifica o conteúdo como também o espírito da cultura que transmite. A transformação do legado coletivo em um inconsciente individual e comum é sua função expressa. Embora a escola seja também um agente de socialização como outros, o conjunto que identifica a personalidade intelectual de uma sociedade é constituído ou reforçado pelo sistema de ensino, marcado por uma história singular, que é capaz de modelar os espíritos dos docentes e discentes, tanto pelo conteúdo que transmite como pelos métodos de transmissão.

CONCLUSÃO

Ao realizarmos este artigo, buscamos mostrar como era forte a tradição acadêmica na produção das artes visuais em Pelotas, destacando a relação dessa tradição com as características que definiram o perfil inicial da Escola de Belas Artes, quando de sua fundação, em 1949. Era um tempo em que a sociedade pelotense estava fortemente presa ao passado, o que se manifestava no orgulho e nostalgia dos tempos de opulência e cultura que haviam destacado esta cidade, não só no Estado gaúcho, mas além de suas fronteiras.

A fundação da Escola de Belas Artes deu-se neste contexto, sendo influenciada por este clima, por este espírito particular, na sua orientação artística. Posteriormente, deu-se o inverso, sendo então a escola que passou a exercer sua influência, pois a produção realizada em uma instituição de nível superior tem legitimação conferida pela sua importância no contexto onde é instalada.

Tentar entender o papel desempenhado pela Escola de Belas Artes dentro da História da Arte realizada na cidade é aceitar que uma instituição de ensino não é neutra, possuindo ideologias, direcionamentos que, no caso específico da EBA foi conferido pelo grupo social de fundadores. A participação desse grupo serviu para legitimar a orientação acadêmica, que marcou o perfil da EBA nos seus primeiros anos e retardou a chegada da modernidade. Esse fato, ao invés de ser considerado simplesmente como um atraso, poderia ser visto como um fator que serviu para a construção da identidade dessa Instituição.

Deve ser considerado que se houve atraso na inserção da EBA na arte moderna, isso não impediu a sua evolução para a modernidade, que acabou por acontecer. Temos que levar em conta que graças ao fato de a Escola estar muito bem estruturada é que houve ambiente para que as reformas ocorressem no transcurso de sua história, a partir da década de setenta. Hoje, a essência da Escola está presente no Instituto de Artes e Design (IAD), e não podemos ignorar que com ela tudo começou. Com ela, organizaram-se as condições que deram origem a um sistema das artes, que se mostrou vigoroso, a partir da década de 1970. Sob sua influência e orientação deu-se a socialização das artes, formando professores e artistas, primeiramente com a EBA, depois com o ILA, e, hoje, com o Instituto de Artes e Design. E foi essa Escola que proporcionou condições para que ocorresse

uma ‘virada’ na sua orientação e produção artística, atualmente voltada para as linguagens contemporâneas das artes visuais.

A EBA, por conta da mentalidade de seu grupo fundador e apoiador, foi uma escola com particularidades tais que contribuiu para que a História da Arte em Pelotas tivesse como característica a permanência da arte acadêmica na sua região de influência, enquanto em outras localidades já chegava o modernismo. O papel desempenhado pela EBA na História da Arte de Pelotas ilustra o quanto uma instituição de ensino de arte pode influenciar, e mesmo determinar a maneira como se configura a História da Arte.

Referências

BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. *Nos Descaminhos do Imaginário- A Tradição Acadêmica nas Artes Plásticas de Pelotas*. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1996.

MAGALHÃES, Clarice Rego. *A Escola de Belas Artes de Pelotas: da Fundação à Federalização (1949/1972)- uma contribuição para a História da Educação em Pelotas*. Pelotas:PPGE/UFPEL.Dissertação de Mestrado, 2008.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul- Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas(1860/1890)*. 2ª Ed. Pelotas: Editora da UFPEL-Livraria Mundial, 1993.

Clarice Rego Magalhães

Artista Visual, Graduada em Arquitetura e Urbanismo e em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL

Carmen Regina Bauer Diniz

Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL), Professora Adjunta de História, Teoria e Crítica de Arte, no Instituto de Artes e Design (IAD) da Universidade Federal de Pelotas